

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA
REVISTA DE TURISMO

LISBOA, 20 DE OUTUBRO DE 1916

ANO I—N.º 8

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO
ANO..... 1\$00 SEMESTRE... \$50
NUMERO AVULSO 5 CENTAVOS.

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
REDACITOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: ANNIBAL REBELLO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO DA ABEGOARIA, 28 — TELEPHONE 2337-C. — LISBOA

OS NOSSOS MONUMENTOS E A FACILIDADE DE TRANSPORTES

MUITA gente em Portugal desco-
nhece os nossos monumentos
historicos e as nossas maravilhas d'arte,
por motivo de falta de meios facéis
de transportes.

Os mosteiros da Batalha, de Mafra,
de Christo em Thomar, a Sé de Mi-
randa e tantos outros monumentos
historicos espalhados por esse paiz
são só quasi conhecidos pelas descri-
ções e photographias que deles existe.

Se fosse em França, ou na Italia
já as terras onde eles existem tinham
o seu caminho de ferro,
um sem numero de hotéis
e restaurantes e haveria a
reclamisa-los um tão gran-
de numero de publicações
que ninguem deixaria de
os visitar.

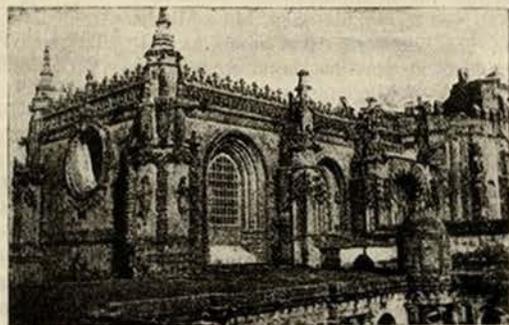
Em Portugal é o que se
sabe, o famoso e colossal
mosteiro de Mafra, recorda-
ção da faustuosidade per-
dularia de D. João V, está
afastado da estação do ca-
minho de ferro por 10 ki-
lometros de má estrada,
sem que ninguem até agora lembresse,
e nem mesmo a Camara Municipal a que
o caso muito interessava, de fazer para
ali umas carreiras regulares de auto-
omnibus e fizesse espalhar em anun-
cios e reclames a maravilhosa sum-
ptuosidade do monumento.

A Batalha a preciosa obra de ar-
chitectura gothica classica, orgulhosa
recordação da nossa grandeza épica,
está, por assim dizer, esquecida no seu
vale, á espera dos viajantes, que ali vão
em grande numero é certo, mas que
maior seria se tivesse outras condições

de transporte. Diga-se porem de pas-
sagem que não lhe faltam elementos
para se fazer para ali um excelente
serviço de transportes.

Da Batalha sahem estradas, para,
Leiria, Alcobaca e Vallado, Vila Nova
de Ourem e Thomar e para as esta-
ções de Chão de Maçãs e Pombal.

Seria pois uma utopia, tentar uma
carreira de automoveis de Leiria a Tho-
mar, por Ourem, e outros de Leiria a
Alcobaca e Vallado? Parece-me que
não.



THOMAR
CONVENTO DE CRISTO Assim com um serviço
regular combinado, po-
der-se-hia fazer esse magnifico triangulo
Thomar-Batalha-Alcobaca, sem grande
perda de tempo e com muita economia.
E cá temos nós o caso exposto no ultimo
numero da nossa revista. Esse serviço
competia á Companhia dos caminhos de
Ferro Portuguezes, poisque poderia fazer
um serviço magnificamente combinado
com os seus comboios e com bilhetes
directos de Lisboa e outras localidades
do paiz, o que traria grande comodi-
dade aos viajantes e grande receita

para as suas linhas. Por exemplo, um
bilhete vendido em Lisboa, do circuito
que apresentamos, poderia oferecer ao
viajante as seguintes vantagens.

A' ida, por Oeste, visitar Mafra,
(onde tambem não seria de mais pôr
uma carreira de automoveis) e segui-
damente, Torres Vedras, Caldas da
Rainha, S. Martinho, Nazareth, Alco-
baca, Batalha, Leiria, Vila Nova de
Ourem, Thomar, e regressar depois
pela linha do Norte, podendo o passa-
geiro ainda deter-se em Santarem, no
regresso a Lisboa.

A viagem como acima expomos,
seria feita até á estação do Vallado,
em caminho de ferro e d'ali em au-
tomovel á Batalha, Leiria, e Thomar,
tomando-se depois o comboio em
Payalvo.

Bem sabemos que existe um estudo
e uma concessão, d'um caminho de
ferro, de Thomar á Nazareth, e um
ramal para Leiria, que viria resolver o
problema, mas vemos ao negocio tão
pouca viabilidade, que nos parece que
só muito tarde será um facto.

Outro assumpto importante é sem
duvida os hotéis d'estas localidades
onde o conforto deixa muito a dese-
jar. E' certo que já em Leiria, Alco-
baca e Thomar existem resoaveis ho-
teis, mas na Batalha, ha apenas um,
e cuja apparencia, de modesta hospeda-
ria sertaneja, não deixa transparecer
o asseio, (que justiça lhe seja feita)
de que n'ele se faz uso, principalmente
na comida.

E' como dissémos uma deliciosa
curva de excursões, isto que acaba-
mos de expôr, não só interessante em
monumentos, como tambem na paisa-
gem de surpreendente beleza, e por
isso nos acorre chamar para ela to-
dos os esforços de quem o caso inte-
ressa.

GUERRA MAIO.

O MISTERIO

DA

LAGOA DE MINDE E MIRA
E SUAS CAVERNAS ADJACENTES

HAVIA muitos anos que a lagoa, periódica, ou intermitente, de Minde e Mira, com as suas cavernas, ou pôios, e algares adjacentes, me baiavam na imaginação. Capitei, indo visita-la, como regiões bem mais afastadas, que, por diversos motivos, me excitaram a curiosidade. As emoções que experimentei em Minde não cedem ás da Serra da Estrella, Berlengas, Peniche, ou Bussaco, nem ás da Madeira e Tenerife, Corcovado, Tijuca, ou Petropolis.

Tendo recebido, em Julho de 1915, convite insistente para visitar, em Porto de Moz—minha terra natal, onde não ia ha 53 anos—os dois unicos parentes que lá me restam, por consanguinidade paterna, aceitei-o para as ferias judiciais de Setembro, e tratei logo de elaborar o programa e orçamento da viagem.—

O programa foi muito simples: ir por Santarem e Minde, e voltar pelo Valado, o mais possivel a pé e sem bagagem. A meus primos, que queriam vir esperar-me gentilmente na sua *charrette* a Torres Novas, ou Valado, logo respondi que não consentia, pois tinha mais gosto em *viajar a pé, como os filosofos antigos*. O orçamento foi igualmente simples. Por destinar apenas 18 dias a essa excursão, julguei (e bem) que dois escudos e meio por dia eram de sobejo, mesmo dispendendo em vestuario e gratificações.

— Resolvi levar unicamente um fato e, nas algibeiras: 1.º carteira com quarenta e sete escudos e noventa e sete centavos; 2.º a folha n.º 15-C da *Carta de Portugal*, na escala de 1 para 50.000, que compreende a mór parte dos sitios, que tinha a percorrer; 3.º compasso; 4.º bussola pequenina, que era de meu pai.—Tendo computado a despesa em 45 escudos, media diaria de dois e meio (admirem a providência!) levei, a mais, dois e noventa e sete centavos, como fundo de reserva, para doença e despesas eventuais, e (sendo indispensavel) de representação. ... subterranea.

Com tal bagagem, podia apropriarme: *quanto tenho, comigo trago*. Durissima experiencia fez-me reduzir a bagagem a zero. Mas, dirá o leitor, dezoito dias, sem mudar de roupa branca pelo menos, é forte. Ora, n'esse capitulo, mostrei talento raro; porque

resolvi ir comprando quanto precisasse, e remeter para Lisboa, como encomenda postal, o fato substituido.

Ponderando, apesar de tudo, que tinha de viajar sózinho, de dia e de noite, a pé, por sendas invias, abismos solitarios e montanhas escarpadas e abruptas, achei prudente munirme de algumas armas de fogo (defensiva e offensivas). Mas quaes? Resolvi da maneira mais feliz. Como arma de fogo defensiva, optei pelo instrumento favorito de um dos vultos mais eminentes da nossa republica—um simples guardasol; e como armas offensivas (por estar costumado a maneja-las com pericia incessante desde os 13 anos) por uma caixa de fosforos e uma duzia de charutos de dois centavos. Disposto a andar por cavernas e algares, é ocioso declarar que tomei o fato menos vistoso do meu guarda-roupa modesto, contando de antemão (e não me enganei) que a bela Minde me vestiria de novo com o seu brixe.

Minde, meus senhores, é uma região singularmente bela e digna de ser visitada, não só pelos simples turistas, mas por todos os sabios naturalistas, tanto nacionaes como estrangeiros. Ide a Minde, meus senhores! Não vos digo mais nada. Ide a Minde, se sois de coragem e amais as maravilhas abscondidas da natureza nossa mãe. Ide a Minde, se quereis ver espectáculo unico, supponho eu, em Portugal, e rarissimo no estrangeiro, como na Austria Zirpnitz; bem superior ás encaçadas maravilhas de Cintra e de Mafra, dos 3 Estoris, e da *Boca do Inferno*, do Bussaco e da propria Serra da Estrella. Nenhuma dessas estancias oferece digressões tão impressionantes e singulares.

Houve tempo em que os conhecimentos eram privilegio de casta fechada. Hoje, (sem negar a superioridade dos tecnicos, que fazem dum departamento unico o dominio especial dos seus estudos e do emprego do tempo), todo o homem de boa vontade pode profundar e falar sem pejo do que bem lhe prouver, segundo o o seu gosto e inclinações. Kant, que foi um simples filosofo, Goethe, principalmente poeta, e o imortal Carlos Lyell, simples advogado de Londres (onde nasceu em 1797 e morreu em 1875, com 78 anos de idade) que tinha

tantos clientes como o famoso jurisconsulto Jeremias Bentham, abonam o que dizemos (a par de infindos outros).

Até aos 13 anos, em que de Porto de Moz sahi para Coimbra (sem mais voltar ás margens do Lêna até 1915), a freguesia de Minde pertencia ao meu concelho e comarca. Agora do Concelho de Alcanena e Comarca de Torres Novas, terei sempre Minde (dê lá a politica as voltas que dêr) por terra patricia, pelo muito que ouvia falar n'ela na descuidosa infancia, embora nunca lá fosse estudar a sua *gria*.

Os leitores não esperam que eu vá repetir-lhes o *Portugal antigo e moderno*, de Pinho Leal, nas palavras *Minde, Olho da Mira*, etc. Para falarvos dessa nobre e antiquissima região, li quanto pude dos naturalistas Nery Delgado, Carlos Ribeiro, Pereira da Costa, e inumeras brochuras do sabio cidadão suizo sr. Paulo Choffat, ao serviço de Portugal. Nos trabalhos de todos esses eminentes e ultrabenemeritos, não deprei monografia acerca da mirifica lagoa e suas cavernas. Tive, por consequencia, de alargar o inquerito na esfera (bem alheia aos meus estudos profissionais) da geografia prehistorica, e, sobretudo, da paleontologia—essa sciencia profunda, admiravel, sublime, não só complemento indispensavel da geografia, mas até da astronomia, e de uma boa educação superior.

A paleontologia é, com efeito, a historia natural dos reinos organicos, aplicada aos animais e vegetais que viveram nas diversas idades porque tem passado a Terra.

Na *Carta Geologica de Portugal* por Delgado e Choffat, publicada em 1899 (escala de 1 para 500.000) indicam-se os terrenos adjacentes a Minde como do sistema Jurassico da Era Mesozoica, e, especialmente, um pequeno tracto ovoide entre Minde e Mira, como Pleistocênico, da Era Cainozoica, ou, mais de perto, segundo Haug (*Tratado de Geologia*, II, 1731 e seg.) do periodo quaternario.

Sob o ponto de vista geral da paleontologia, basta que o turista, antes de dirigir-se a Minde, trave conhecimento com a tradução, em francez, dos vol. do *Tratado de Paleontologia* de Zittel, e a dos dois volumes dos *Principios de Geologia* de Lyell.

A Terra é, como a Mulher e a Politica: o mais curioso, decisivo e importante, é o que se não vê, elas não mostram e no que nunca falam.

Sob o ponto especial das Cavernas, é util consultar: o *Mundo Subterraneo*, em latim, de Kircheri (Amsterdam, 1664, 2 Tomos in-fol.), pois no Tit. 1.º cap. XX do Liv. 2.º, occupa-se dos Antros, Boqueirões e inume-

ros Buracos da Terra; os capitulos V. a X do Resumo de Paleontologia Humana de Hamy (1 vol. in-8.º, Paris, 1870); o cap. XIII do Tomo 1.º do citado Lyell, 6.ª ed. Paris, 1870, e, sobretudo, as inumeras brochuras de Martel, especialista de *Speleologia* ou Sciencia das Cavernas, tão menospresada em Portugal, mas que tem lá fóra sociedades e jornaes especiais.

E' inutil ponderar que uma visita demorada ao interessantissimo *Museu da Comissão Geologica*, é tanto mais proficuo, que o seu gabinete bibliografico se acha amplamente provido. O sistema porque se acham classificados os fosseis é, com pequena discrepancia, o da obra recente: *O Estudante de Lyell*, correspondendo ao quadro seguinte:

Eras: Cainozoica, ou terciaria; Mesozoica, ou secundaria; Neo-Paleozoica e Paleozoica mais antiga, compreendendo: a 1.ª os *Periodos* Pleistocene e Terciarios; a 2.ª os Cretacio, Jurassico e Triassico; a 3.ª os Permiano, Carbonifero e Devoniano, e a 4.ª os Siluriano, Ordoviciano, e Cambriano. Cada um destes *Periodos* compreende varias *Epochas*, por exemplo, (o Pleistocene) a Postglaciaria, Glaciaria e Preglaciaria.

Segundo opiniões recentes, o periodo desde o principio da *Era* Cambriana até nossos dias varia de 70 milhões de anos (Walcott) até 6 mil milhões de anos (Mc. Gee). E, segundo opinião moderna tambem autorizada (Dana) dividindo o tempo, durante o qual os sedimentos e rochas fosseis se foram depositando, em 16 partes iguais, cabem 8 á *Era* Paleozoica, mais antiga, 4 á Neopaleozoica, 3 á Secundaria e 1 á Terciaria, ou (reduzindo a anos, e adoptando a apinião de Mc. Gee) só a *Era* Terciaria conta já 375 milhões de anos (se não erramos a divisão)!!

Sob o ponto de vista das formações paleozoicas, ha no solo portuguez cinco horisontes fossiliferos que caracterizam outros tantos grupos sedimentarios a saber (seguindo a ordem chronologica ascendente): 1.º o andar superior da divisão siluriana inferior; 2.º o inferior do siluriano superior; 3.º o devoniano inferior; 4.º o carbonifero inferior; 5.º e o carbonifero superior, ou grés da hulha (Delgado, *Terrenos Paleozoicos de Portugal etc.* Lisbonne, 1876, pg. 1).

Urge explorar scientificamente as cavernas de Minde e Mira por comissão de géologos competentes subvencionados pelo governo e que trabalhem sob os auspicios das Academias e Institutos Scientificos, no intuito de estudar a sua hidrologia subterranea e os seus sedimentos, creando-se secção de *speleologia*.

Adiante apresentarei um projecto de orçamento da despeza para a exploração das suas cavernas.

A tranquillidade higienica de Lisboa e outras muitas povoações exige que não mais persista o *misterio* do escoamento do extensissimo e profundo lençol das aguas da lagôa precária de Minde. Adiante diremos melhor porque. Para onde vão as suas aguas? Alviela? Almonda? Córtes?

Ninguém sabe dizê-lo, sendo varias as conjeturas e divergentes as opiniões.

E, todavia, facilimo seria averigua-lo, pelo emprego da *fluorosceina*, processo que desenvolvemos adiante é e vulgarissimo lá fóra.

Revoltar-se-hiam os povos, se vissem algures as aguas coloradas? Não achamos de bons quilates esta rasão, que nos deu ha menses grande autoridade paleontologica; porque á imprensa seria facilimo (e da sua obrigação) esclarecer sobre a innocencia e fins do processo. Já são raros os trogloditas.

Veem os leitores que este escrito não é nenhum *Misterio da Estrada de Cintra*, ou romance analogo, destinado a sobreexcitar vamente a curiosidade e a imaginação. E' de indole diversa, sem arrebiques de frase, ou estilo; mas de alcance para a salubridade publica, e a elevação do nivel portuguez, pois mira chamar a atenção dos competentes para um assunto que só eles podem versar fundo.

A saude da capital, que depende, em larga escala, da pureza e abundancia das suas aguas potaveis, preocupou sempre os poderes publicos e homens eminentes. Creio que foi em 1899 que o sabio sr. Choffat publicou no Boletim da Ass. Central de Agricultura um artigo, que infelizmente não li ainda, ácerca das *Aguas subterraneas e Fontes* (em francez). *Lisboa e o Colera, Condições geologicas do Cemiterio dos Prazeres*—deram assunto a brochuras de utilidade. E' importante a *Noticia acerca das grutas de Cezareda* publicada pelo sr. Delgado (Lisboa, 1867). Na *Memoria sobre o abastecimento de Lisboa com aguas de nascente e rio*, publicada no mesmo ano, pelo sr. Carlos Ribeiro, diz-se (pag. 39): «A agua misturada do Poço das Bombas e dos Carvalheiros, que tambem alimenta o Aqueduto das Aguas Livres, repuxa de um algar aberto nas rochas arenaceas e calcareas do terreno cretaceo inferior, na proporção de 10 a 11 metros cubicos em 24 horas.»—

Quando as aguas desaparecem e se occultam totalmente em qualquer altitude (que pode saber-se pelo que marca a folha de numero correspon-

dente da *Carta Corografica de Portugal*) as camadas de grés quaternarios e secundarios de depressão podem fornecer aguas artesianas (isto é, que repuchem). Isto não sofre duvida, (Carlos Ribeiro a paginas 68).

Podem determinar-se *a priori*, em certos problemas hidrologicos, a profundidade a que se deve descer para atingir niveis que dêem aguas artesianas. Nos Relatos da Academia de Sciencias de Paris, o sr. Ernesto Fleury occupou-se da *Hidrologia subterranea do Alviela* (Tomo 161, pg. 700, ano de 1915).—As camadas calcareas que constituem a grande protuberancia jurassica sita entre os vales do Tejo e do Mondego tem facultades absorventes. E' pelos hiatos que põem em comunicação as fendas e algares, que se abrem á superficie do solo, com as cavidades e antros do interior do relevo da referida protuberancia que se alimentam das aguas fluviaes os reservatorios hidrostáticos, donde procedem as belas nascentes de Rio Maior, das Alcobertas, dos Olhos de Agoa, ou do Alviela, do Almonda, dos rios Liz e Lena etc., etc.

Isto diz o sr. Carlos Ribeiro na citada Memoria; mas não encontrei que decifrasse o grande misterio do escoamento anual da extensissima e profunda Lagôa de Minde e Mira.

Pois, como já temos programa e dinheiro para a viagem, e pronta toda a bagagem (incluindo armas de fogo offensivas e defensiva), a caminho da lusa *Zirnitz!*

1 de Setembro de 1915

Tomou bilhete para Valle de Figueira por 1\$15; mas desço em Santarem. Pedem-me tres escudos por carruagem a Pernes, e por isso resolvo ir a pé. Encontrando, porém, o carro do correio que transporta por vinte centavos, aproveito-o, indo hospedar-me no *Hotel Pernense*. Desembolso do dia 1\$565 réis.

2 de Setembro

Pago no hotel, de jantar e dormida no dia 1 (quarto com luz electrica!), 60 centavos. Sigo a pé para Parceiros ás 7 1/2, chegando ás 9 1/2. Fica a 30 kil. de Santarem, e uns 10 de Pernes. Sigo, a pé, para Minde, onde chego ás 13,30, hospedando-me na Casa Popular do sr. José da Silva. Desembolso do dia 3\$52.

ALFREDO ANSUR.

Continúa

EXPEDIENTE

—Anunciam-se gratuitamente n'esta revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do paiz.

DE CASCAES A CINTRA

QUER o destino que eu seja, nas columnas d'esta Revista, o cantor das bellezas naturais e artificiaes dos nossos arrabaldes; — espinho-

sar do nosso auto, e dirigimo-lo pela estrada da Serra.

Oceano! Serra! Collares! Praia das Maçãs! Cintra! eis o que o espirito nos dictava e exigia, e que foi o nosso itinerario.

Seguimos, meio-adornecidos n'aquelle pensamento.

A breve trecho, a vista começou a transmitir-nos, em sequencia continua, um corollario de gozos indescriveis. A' esquerda, á direita, na nossa frente e pela rectaguarda, tudo se manifestava com o prodigio d'um encantamento irresistivel. Além, na curva da estrada a meia-encosta; que deslumbramento de motivos, que de esplendores reaes, vividos da Natureza, onde o Sol, com affagos de irmão-gemeo, punha reverberos de magica hypnotisação!

Mais adiante, na triste melancholia dos prados agrestes, alongou-se a vista, e o nosso espirito sentiu a emoção do fundo em que elles se esbatem: é a coroa da serra, nitidamente descripta por uma sinuosa linha sobre o azul-celeste do Infinito.

enternecimento a que a quietude beatifica da campina, insensivelmente nos conduz.

Entra-se, então, nos dominios da verdejante flora. Arvores seculares chamam a nossa attenção, como que manifestando o desejo de nos confiarem a sua vida, o que viram e os casos de que foram testemunhas.

Apeamo-nos do auto e lançamos um olhar perscrutador em redor.

Junto da grade, sobre a pequenina varzea, um par conversa. São dois camponezes: ella, com a sua saia d'um tecido encarnado-vivo, corpete branco, sobre o qual pendiam valiosas arrecadas; elle, com o seu traje dominigueiro: fato de belbutina, chapéu de abas largas e grosso cajado nas mãos. Estas duas figuras, na posição em que as vimos, completavam o quadro magistral que á nossa vista se depa-rou. Não se torna preciso traça-lo; basta dizer que o pintor não era nenhum dos conhecidos mestres, mas o maior de todos elles. N'essa obra divina, a luz, relevo, sombras, realce em tudo, colorido verdadeiro em todas as suas nuances, era do mais inimitavel positivismo.

Oh!—Collares! Com a sua tristeza, com as suas quintas, com a fecundidade bem-dita do seu maravilhoso solo, que produz o delicioso nectar universalmente conhecido — que de recordações despertadas em quem vive mais do passado que do presente!!!

Deixámos Collares—essa dilecta afilhada do Deus Baccho, e continuámos a nossa derrota.

Desde ali ha um mixto de prazeres, pela diversidade dos aspectos; e ao cabo d'uma boa jornada, fértil de espectaculos diferentes, attinge-se a Praia das Maçãs, essa original baía onde o Atlantico vem receber as caricias da floresta que a rodeia, e estender a preguica das suas delectosas ondas.

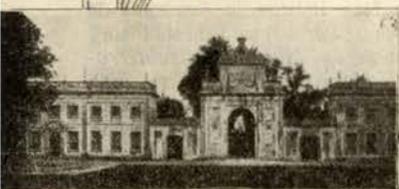
São horas do *five-o'clock-tea* (vae em inglez, para não se suppôr que era o cháinho caseiro do serão).

No alpendrado do restaurante sobre a praia, conforta-se o estomago — vazio, porque o alimento foi só para o espirito—e apreciam-se os encantos originaes.

—Que de quadros da maxima transcendencia, que se disfructa! Que de intenso gozo na sublimidade d'essa excelsa obra do Creador, se nos manifesta!

Mar, Terra e Ceu, tudo nos enleva, tudo nos dá alma nova, tudo nos insufla energia.

Aportamo-nos, saudosos, d'esses oasis, onde saboreámos a maxima alegria dos sentidos e proseguimos no nosso bello passeio.



sa missão essa para quem tem— como eu — uma debil voz, orphã da melodia que seduz, desirmanada da harmonia que atrai, e viuva dos arrebatamentos que encantam...

Seja assim, já que a isso me obrigam. Porém, os quadros que vou figurar, representarão — quando muito — toscas pinceladas sobre a preciosa tela da Natureza; mas como os assumptos se impõem pela sua magnificencia, as fracas tintas da minha paleta não ofuscarão o seu ingénito brilho.

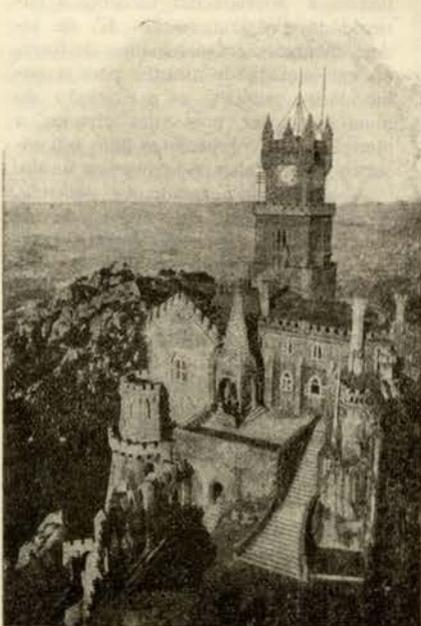
Feito este preambulo para a salvaguarda da sempre muito respeitavel critica, prosigamos na continuação do passeio em Cascaes, de que fiz uma pallida descripção em o ultimo numero d'esta Revista.

Tinhamos chegado ao limite d'esse passeio, e o nosso ser estava repousando corporea e moralmente, apenas saboreando as impressões collidas na trajetoria que traçámos.

Volvemos depois os olhos para os panoramas que de lá disfructavamos: soberbos de paysagens, attrahentes de colorido e relevo; e a avidez das nossas sensações impelliu-nos para o prazer espirital de as gozar de perto, mais juncto, esmiuçando com a infinita exigencia dos sentidos, todas as mínimas parcelas que as compunham.

Fomos. Um automovel, silencioso, rapido e commodo, fez-nos transportar á linha d'exhibição do monstruario da Natureza, n'esta orla da Terra Luzitana onde a Belleza nos captiva pelos seus requintes e pela sua superior e inegalavel estrutura.

Levantámos a tenda em que a nossa alma momentaneamente se abrigou n'essa linda Marinha e aconchegámos confortavelmente no automovel. Voltámos por essa infinita estrada que corta o Pinhal de Moser, ante-gozando as sensações que iam experimentar; atravessámos Cascaes no doce desli-



CINTRA
CAPELA DO CASTELO DA PENA

Segue-se essa encantadora estrada, que se assemelha a uma cobra ondulante envolta nas escarpas da montanha, passa-se a pittoresca villasinha de Almoçageme, perdida na solidão dos montes, e entra-se depois na soturnidade poetica da Varzea de Collares. Ahi novos aspectos e outros assumptos inclinaram a nossa alma para o

São seis horas—ocasião oportuna para nos encaminharmos para Cintra, que toda a gente conhece e que tem sido cantada em todos os diapasões, desde lord Byron, Garrett e outros vultos ilustres e ilustrados, até o fornecedor da deliciosa manteiga em harmonioso duetto com a Mathilde queijadeira.

Cintra é sempre o que foi — simplesmente adorável, atraente para todos genios, insinuante para todos os espiritos. — N'ella tudo falla; as inspirações brotam do seu suave socego como a agua crystalina nasce em portentosas cachoeiras, por entre

a incomparavel frescura do seu frondissimo arvoredado.

Alli lêem-se paginas immorredouras da Historia. O Paço, a Pena, o Castello dos Mouros, o Convento dos Capuchinhos, a alameda de Seteais, são trechos vividos da epopeia dos nossos avós e de factos das ultimas décadas da vida da nossa Patria.

... Já ia a fazer côro com os meus preclaros antecessores. Nada; que a minha voz é de difficil harmonia, e desafinava tudo...

JOSÉ LISBOA.

CONVENTO DE MAFRA

BREVES NOTAS SOBRE O FAMOSO MOSTEIRO

HA quem chame ao mosteiro de Mafra a maior loucura da faustosidade perdularia de D. João V.

Não é bem assim. Aquela obra gigantesca, unica na Península, atesta também a grandesa da nossa terra, em tempos pouco remotos.

E' certo que n'ela se gastaram 6.400 contos, quantia ultra-elevada para o valor da moeda n'aquelle tempo. Mas tudo ali é grande! Desde a vastidão do edificio, até aos carrilhões, que são d'uma perfeição e sonoridade tal, que se ouvem a 15 kilometros de distancia.

Efectivamente ante obra tão gigantesca, pergunta-se assombrado, quem seria o louco que a mandou fazer. Mas o que é certo, é que se D. João V não a tivesse feito, gastaria certamente o dinheiro em coisa ainda menos util.

Assim a obra está feita, para atestar aos vindouros a grandesa financeira d'aquelles tempos; e pena é que tão vasto edificio não seja melhor applicado.

Pois nas suas colossaes dependencias, que teem um total de 5.500 portas, e 2.500 janelas poder-se-hia instalar, um sem numero de escolas, e com milhares de alunos, que seriam todos alojados convenientemente.

Assim o famoso mosteiro serve apenas para a escola de tiro, que occupa uma pequena parte do edificio, e para

o Museu de Arte Decorativa que occupa também uma pequena dependencia.

Vamos dar agora umas ligeiras notas sobre a grandiosidade de tão vasto edificio:

Occupa uma área de 40.000 metros quadrados. A fachada mede 220 metros, os lados norte e sul são um alinhamento do palacio de 45 metros de comprimento, em cada um e com mais de 200 portas e janelas.

corão, com janelas abertas nos contornos.

A basilica é de uma sumptosidade sem igual, com trez magestosas portas em arco entre 6 columnas compositas, o chão e o tecto são de marmore preto e branco, e nos grandes nichos lateraes ostentam-se 14 estatuas gigantescas de marmore de Carrara, de varios santos, que são uma maravilha.

Os carrilhões, são tocados por teclados, sobre cylindros mechanicos com corda manual, e o seu maior sino tem 2^m,8 de diametro e pesa 12 toneladas, e o martelo só por si, pesa 280 kilos. Custou só este sino 400 contos! E os dois carrilhões importaram em 1.200 contos!

Quando D. João V encomendou um carrilhão, e lhe disseram o preço fabuloso que custava, ele respondeu:

— E' barato, encomende 2 carrilhões!

Beneditos tempos, em que o dinheiro nadava.

Tem ainda o mosteiro como uma das suas maiores imponencias, a bibliotheca, que occupa um vastissimo salão, de elegantes linhas, onde, em prateleiras enormes, se acomodam 30.000 volumes, alguns de grande valor bibliographico.

Para terminar estas ligeiras notas, pois esperamos em breve tratar este assumpto mais demoradamente, devemos dizer que para a sua construcção



Os torreões que flanqueiam o palacio são duas columnas de marmore de 26 metros de largo por 50 de alto, cobertos por uma capula em fôrma de

foram empregados 47.000 homens e era preciso um regimento militar para manter a ordem.

A "CASA PORTUGUEZA,"

NA PENULTIMA EXPOSIÇÃO
DA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES

III

TERMINAMOS hoje com a publicação dos trabalhos apresentados sobre a «Casa portuguesa», na penultima Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes, pois que, na ultima, conforme já dissémos, os trabalhos architectonicos brilharam pela sua ausencia.

E' ainda do distincto artista, o architecto, sr. Edmundo Tavares, o trabalho que reproduzimos em gravura.

E, fechamos com *chave de ouro*, como se costuma dizer, pois que o projecto que hoje publicamos, é bem bonito e muito interessante.

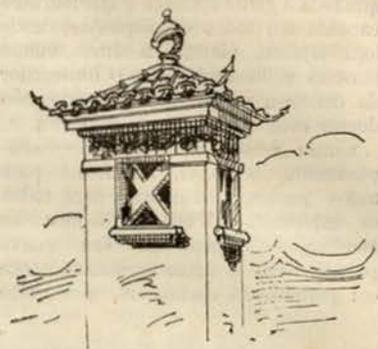
se vê no *detalhe da fachada principal*.

O vestibulo é vedado com uma artistica grade, como tambem se vê no mencionado detalhe.

Todas as divisões teem luz direta. As saletas pelas suas janelas da fachada principal; os quartos por janelas nas fachadas lateraes; as salas de jantar, por janelas nas fachadas lateraes e posterior; os W. C. pelas fachadas posteriores, junto ás cosinhas que tambem teem janelas nas fachadas posteriores.

Um detalhe interessante é o do co-roamento da chaminé, de uma das

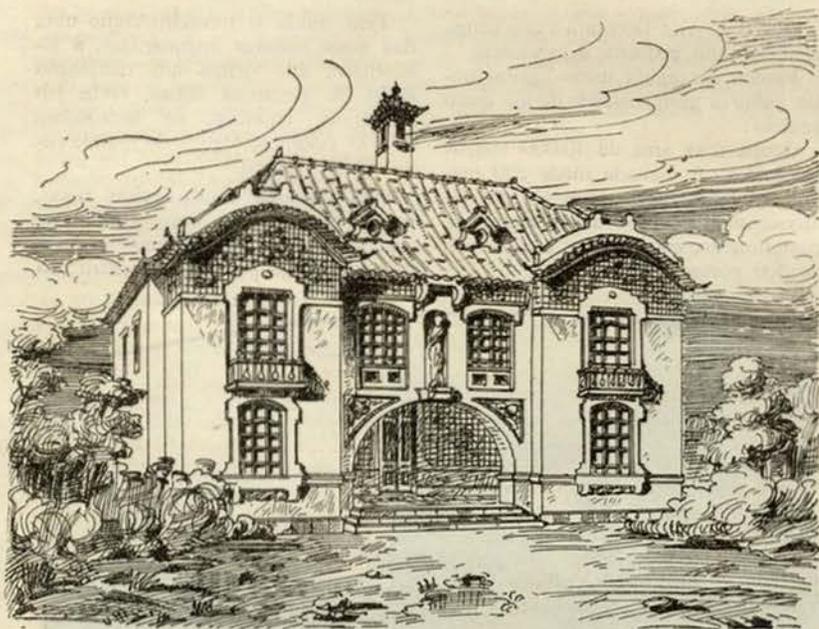
um feito original e característico, inconfundivel com o das outras nações.



Como elementos decorativos, temos os azulejos, os alpendrados, os columnelos, as chaminés, os telhadôs com seus beirões salientes e seus angulos com caprichosos remates de ceramica, etc., etc.

Com todos estes elementos e muitissimos outros, que sem grande trabalho e apenas com um pouco de diligencia, se podem encontrar por muitas das regiões do paiz, aliado a um pouco de inteligente estudo, podem fazer-se infinito numero de projectos, todos completamente dessimilhanes, e bastante mais agradaveis á vista do que as inesteticas fachadas estrangeiras, todas ou quasi todas, uniformemente monotonas, sem o gracioso movimento de linhas que se pode obter com a estilisação nacional, quando o delineador seja um artista inteligente e habil.

SERALOCSENUM



A casa é feita para dois inquilinos, tendo cada um, quatro divisões no rez-do-chão e quatro no primeiro andar.

No rez-do-chão, ha uma saleta, um quarto, sala de jantar, cosinha e W.C. e um outro quarto para banho.

No primeiro andar, quartos de toilette e de dormir, tendo ainda um pequeno sotão, devidamente ventilado, para arrecadações.

A entrada para o rez-do-chão faz-se por um vestibulo de cada lado uma porta que dá acesso á saleta da parte correspondente a cada inquilino. No primeiro andar, o espaço de vestibulo é dividido em duas casas, uma para cada inquilino, tendo cada uma sua janela, entre as quaes está colocado um nicho com uma figura, como melhor

muitas fôrmas alemtejanas que teem a vantagem de dar sahida ao fumo, sem os inconvenientes das chaminés que teem a tiragem do mesmo, não lateralmente, mas no alto, de fôrma que, em ocasiões de vendaval, a chuva e o vento entra por ela, á vontade.

A chaminé d'esta forma, além de não ter esses inconvenientes, teem um efeito decorativo, que muito alinda o conjuncto da edificação.

Como os nossos leitores, que se interessam por este assumpto da habitação, teem visto, podem-se fazer casas de «estilisação nacionalisada», permita-se-nos o termo, sem termos de ir buscar modelos de construções francezas, inglezas, italianas, suissas, etc., etc., dando assim ás nossas povoações

CANÇÕES PORTUGUEZAS

EM uma simples mas elegante brochura, acaba de apparecer á venda no nosso mercado a 2.^a serie das *Canções Portuguezas*, do sr. Dr. Antonio Vianna.

A sublime inspiração musical do seu auctor, alliou-se mais uma vez, n'essas bellas paginas de musica, com notavel relevo, a motivos de lindos e preciosos versos dos nossos mais consagrados auctores, dando um conjunto simplesmente encantador.

Todas as canções que compõem esta 2.^a serie attrahem-nos pelo sentimento, pela leveza e harmonia das phrases e pela sua expressão rithmica, n'um adoravel enlace com a a lettra, impressionante e sublime dos versos a que foram adequados.

A avaliar pelo exito que obteve a 1.^a serie de tres edições, esta nova serie deve ser certamente acolhida com equal enthusiasmo.

CONFERENCIA SOBRE TURISMO

Damos hoje a conferencia do nosso redactor principal, no Casino das Thermas de S. Pedro do Sul, na noite de 17 de setembro ultimo.

*Ilustres aquistas,
dignos lafonenses,
Senhoras minhas:*

A elegancia foi para mim avára. Passou pela minha porta como um comboio expresso por uma estação insignificante, nem sequer afrouxou a velocidade.

E escrevi sobre estes papeis o que desejava dizer-vos, não para imitar o douto academico, mas sómente para que a memoria me não falte.

E a vós, senhoras que me ouvis, suplico toda a vossa benevolencia para a minha palestra, pois o assumpto que vou tratar não vos interessa. Mas, como no coração d'uma mulher reside toda a generosidade, não m'a negais certamente porque a ides dar a um amigo d'esta região, cuja beleza não seria completa, se vós não lhe dêsseis aquele encanto que nos vossos olhos se patenteia e na vossa alma se espelha.

A INDUSTRIA DO TURISMO SUPERIOR A AGRICULTURA

A industria do Turismo é uma arvore muito moça no nosso paiz, pois ainda agora começa a erguer ao Ceu os seus primeiros rebentos. Ha-de poder fructificar, porque n'esta terra bem-dita, não lhe faltam condições para que se eleve tão alta, como n'outros paizes se ergueu, e onde á sua sombra, vivem quasi todas as industrias.

Erro imperdoavel ter-se dito de Portugal, um paiz essencialmente agricola, mas que não tem pão para comer.

Talvez não lhe faltassem condições naturaes, mas da forma em que está, é um paiz agricola sem agricultores.

A vastidão do Alentejo é um mato por desbravar, pois a maioria dos seus campos estão abandonados á urze, sem que ao menos um humilde pasto produza.

Os nossos lavradores preferem mandar os seus filhos para Coimbra, para que os seus criados o chamem: Senhor Doutor, a indicar-lhe o caminho da escola agricola para aprenderem os melhores processos de amanho das terras. D'esta forma, resulta haver, doutores a mais e agricultores a menos.

Mas não é só na gente abastada que esse mal vivifica; tambem nas classes trabalhadoras, que mandam os filhos á escola só para alimentar a emigração, por julgarem que a sorte os bafejará, não se lembrando da celebre frase

de Ramalho: «Os emigrantes á ida encham um vapor, e á volta, cabem n'um banco d'um jardim».

Com estes grandes males enraizados na nossa sociedade, a Portugal só lhe compete um lugar puramente subalterno entre os outros paizes agricolas.

A FALTA DA MARINHA MERCANTE NÃO DEIXA DESENVOLVER A AGRICULTURA

Só o vinho poderíamos exportar em boas condições, mas a falta da marinha mercante nacional, tem dado lugar a que a Italia e a Hespanha nos tenham quasi escorraçado dos mercados do Brazil, e se lhe não acudimos a tempo a nossa exportação será nula.

Outro grande mal, é a falta de bons caixeiros viajantes, que fossem á America do Sul vender os nossos productos, quer do vinho, quer das nossas preciosas fructas.

Mas a falta maior ainda é, sem duvida, a marinha mercante, pois ninguém se lembrou ainda, que foi ela que deu o poderiu á Alemanha, e hoje faz com que a Inglaterra domine o commercio do mundo.

PORTUGAL ADORMECIDO A' SOMBRA DOS LOUROS DAS ANTIGAS ERAS.

Ensinaram-nos na escola, e ainda hoje se ensina, até com estampas, que fomos um paiz de navegadores que dobrámos o Cabo Tormentoso, que fomos á India e ao Brazil, que dominámos o commercio da Arabia e da Persia, que demos leis ao mundo, mas o que nos não ensinaram, é que estamos derredados com tão grande esforço, e de que não podêmos, até agora tomar, alento.

Eu não vim para aqui, meus senhores, com o figado em mau estado, dizer-vos coisas desagradaveis, mas, antes que eu entrasse no assumpto da minha palestra, quiz mostrar-vos quão elevada é a diferença da nossa agricultura, já cançada e velha, para essa industria do Turismo, que agora desponta no horizonte.

Mas o turismo só se faz com patriotismo e com a vontade firme de todos, e, se não fosse o receiar, ferir os vossos sentimentos patrioticos, que certamente são os meus, n'esta hora de lucta com o cesarismo kaiseriano, dir-vos-ia que, o ser patriota, não é só defender a Patria, pegando n'uma

escupeta e por ela vomitar a morte, n'este seculo em que todas as vidas são preciosas, quer elas sejam de um cathedratico ou de um simples obreiro. O ser patriota é tambem construir uma patria nova e fazer, cada um dentro das suas forças, o seu engrandecimento.

Quando n'este paiz toda a gente se convencer que devemos pôr de parte as mesquinheces do nosso meio, e que todos devemos tratar do bem da Patria, Portugal virá a ser a mais feliz de todas as nações.

Eu sou talvez, em Portugal a unica pessoa que não tem um partido politico e nem aspira a um emprego publico. Por vezes me tenho até visto embaraçado para responder a uma pergunta, de quem é o ministro da pasta tal; sendo quasi sempre a minha resposta, visto eu andar arredado o mais possivel da politica: Deve ser qualquer pessoa, o lugar não está vago.

Fatiguei já muito V. Ex.^{as} com o meu pseudo azedume; vou, portanto, ao fim principal para que aqui vim.

PORTUGAL, PAIZ EXCESSIONALMENTE TALHADO PARA O TURISMO

Não creio que haja no mundo um paiz com tão boas condições naturaes para o turismo, como Portugal.

A nossa situação privilegiada no extremo occidental da Europa, com o melhor porto da Peninsula, d'onde irradiam linhas de navegação para todo o Brazil, para a Argentina, e, em breve para os portos do Pacifico, em direitura, por essa obra admiravel da engenharia, o canal do Panamá, e de onde partem linhas ferreas para o centro da Europa, como o melhor encurtamento da viagem transatlantica, com uma extensa praia de finas areias de oiro, onde o mar se espreguiça n'uma extensão de mais de 200 leguas, com uma riqueza consideravel d'aguas mineraes para todas as doenças e, sobretudo, com uma paisagem de idilios e fantasias sempre verde, formam um conjunto de riquezas para o turismo, como nenhum outro paiz possui.

LISBOA, CAES DA EUROPA

Ao reventar a guerra europeia, partiam diariamente para Paris tres comboios rapidos, percorrendo um d'elles os 1.900 quilometros que nos separaram da capital de França em 31 horas.

Ao porto de Lisboa, vinham tocar, como ponto de despedida da Europa, todos os vapores, que da Inglaterra, da França, da Holanda e da Alemanha, se dirigiam á America do Sul, levando alguns d'aqui passageiros ás centenas e malas do correio aos mi-

lhares, e de todos os paizes da Europa.

E a prova do aproveitamento do nosso porto está, portanto no serviço postal, que todas as nações europeias escolhem: a via Lisboa.

Parece que nada mais seria preciso para o desenvolvimento do Turismo em Portugal, que esse serviço rapido de comboios, atravez da nossa soberba e empolgante paisagem. Mas não é assim. Falta a propaganda, e a que se tem feito no estrangeiro do nosso paiz é tão pobre, que pouco tem produzido, de fórma que o passageiro, ao debruchar-se da janela do comboio, fica surprehendido a ver a beleza do nosso paiz de que ninguem lhe tinha falado.

**FAZER A PROPAGANDA
NO ESTRANGEIRO
DAS NOSSAS AGUAS MINERAES
SERIA SEMEAR A RIQUEZA
DO NOSSO PAIZ**

Assim, duma propaganda bem orientada, no Brazil, na Argentina e no Pacifico, e até mesmo na America do Norte, da nossa paisagem, do nosso clima e das nossas aguas minerais, tirar-se-hia uma certa concorrência a Vichy, Mariembad, aos Cauterets e a tantas outras estancias de agua estrangeiras.

As nossas praias, onde o mar sereno disputa a tranquilidade do nosso clima, teriam uma concorrência consideravelmente maior, se, pelo mesmo motivo, se tornassem no estrangeiro conhecidas.

**A SERRA DA ESTRELA O CARAMULO,
O MARÃO, RIVAES DA SUISSA**

As nossas serras, nomeadamente a Estrela, o Marão, o Caramulo, se tivessem nos seus contrafortes, sanatórios para tuberculosos, que rivalisassem, em conforto, com os da Suissa, em breve rivalisariam em concorrência, pois nenhum doente, vindo de além Atlantico, se metia a caminho da Suissa, tendo aqui, logo ao desembarque, o almejado repouso.

A Suissa, a Italia, a França, lançaram-se com tão grande alma e coração ao turismo, que quasi se esqueceram das outras industrias, e tal incremento lhe deram, que, pobres praias de pescadores, foram transformadas em deliciosas praias de banho, todas luxo e prazer. E pequenas aldeias perdidas nas encostas, foram transformadas em garridas cidades, com sanatorios e casinos, erguendo ao ceu as suas edificações, como estancia de cura e repouso.

GUERRA MAIO.

(Continua).

**CAMINHO DE FERRO
DO VALE DO SADO**

É no dia 22 do corrente que se inaugura mais um troço d'este caminho de ferro, compreendido entre Louzal e Grandola, tendo como inter-medias as estações de Canal e Bairros.

A conclusão d'este caminho de ferro, grandes vantagens trará ao turismo pois que faz uma economia de 63 kilometros entre Lisboa e Algarve, o que é importantissimo.

O Algarve é uma provincia interessante sob muitos pontos de vista, vae em breve ter o seu sonho realiado, o encurtamento da viagem a Lisboa. E atendendo á solidez da construção da linha do Sado, e do seu excelente perfil, permitirá fazer-se um comboio rapido diario, que é sem duvida um incremento consideravel ás suas relações com a parte norte do paiz.

**NOVAS CARRUAGENS
DE 3.ª CLASSE**

ENTRARAM em serviço nos comboios internacionaes da Companhia da Beira Alta, e cuja construção se efectuou nas oficinas da companhia na Figueira da Foz, duas carruagens novas de 3.ª classe.

O novo material, que é a ultima palavra em vehiculos d'este genero, fica sendo o primeiro do nosso paiz, e a rivalisar com o que de melhor existe no estrangeiro.

Nada ali falta, o aquecimento por termo-sifão, a retrete e lavatorio, a excelente e bem disposta iluminação a gaz, as prateleiras sobre todos os bancos, etc.

As novas carruagens, tem 7 compartimentos, com bancos estofados nas costas, comportando um total de 72 passageiros.

Tanto o corredor como as paredes e bancos são envernizados o tecto e retrete pintados de branco.

Tem 3 amplas janelas por cada lado do compartimento, com cortinas verdes e de facil applicação.

Presidiu á sua construção o distincto engenheiro da Companhia, sr. Eugenio Amaral, cuja competência estava já sobejamente demonstrada nas carruagens de 1.ª e 2.ª classes, ha pouco ali construidas, que são de uma construção e acabamento, que honra não só a ele mas tambem á industria nacional.

Regosijamo-nos com o facto, tanto assim que a Companhia tem já mais

carruagens d'estes modelos em construção nas suas oficinas, o que é uma garantia do interesse que ela dá ao publico e ao turismo.

**Associação de Inhabilidade
do Pessoal da Marinha
Mercante Portugueza**

A convite de um digno director desta Associação, visitámos as suas novas instalações na Rua dos Fanqueiros, n.º 97 a 101, e ficámos maravilhados com os progressos d'esta colectividade, fundada ha dois dias pois que sendo tão parca a marinha mercante nacional, conseguiu um numero elevado de socios, que já ascende a mais de 500, o que representa a conquista de um Ideal.

Ali n'aquella associação a troca de uma pequena quota, consegue-se formar um pequeno capital não só para a reforma como tambem para inhabilidade.

Depois a Associação tem um fim mais altruista o livrar os seus associados das garras do penhorista, evitando que ele vá empenhar até objectos de seu uso, pagando um juro desproporcional. Por isso a Associação faz empréstimos aos seus associados por um juro pequenissimo, tornando-se caução, as quotas já pagas ou ficando por fiador outro socio.

A Associação acaba, como dissémos, de abrir ao publico a sua nova sede n'uma elegante loja da rua dos Fanqueiros, com 3 portas, parecendo pela sua disposição uma casa bancaria. Tanto mais que se fazem ali depositar na sua caixa economica e se empresta dinheiro sobre joias e papeis de credito.

Dispondo de um rico mobiliario de uma casa forte, na cave, e de muitos outros requisitos, está a nova casa bancaria como se lhe d'via chamar, em optimas condições para o fim a que se destina.

Além d'isso dispõe ainda de pessoal competentissimo o que é uma garantia segura para o bom exito do seu nobre fim.

E' de esperar que com as vantagens que a Associação oferece, em breve veja inscripto nos seus registos, um numero elevadissimo de pessoal da marinha mercante, pois não se faz ali selecção de categorias, sendo igual para todos, desde o simples fragateiro e moço de convez ao comandante de navios, e onde todas as classes tem representação, o que a tornou positivamente igualitaria e mutualista.

Estando no programa da nossa revista, a Navegação, regosija-nos ver uma colectividade exclusivamente destinada a cuidar da velhice d'aqueles, que tem toda a vida dado a sua energia pela marinha mercante, e fazemos votos pelo seu engrandecimento.

CONSULTAS

Esta secção é destinada a consultas dos nossos estimados leitores, sobre viagens, excursões, hotéis a preferir, trajectos a percorrer, e sobre todos os assumptos que se ligam com o turismo.